

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES
ACADÊMICAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)**

Jucinalva dos Santos Marques

**Experiências de escrita Literária em sala
de aula: Criando fanfics a partir dos
contos de Conceição Evaristo**

São Cristóvão – SE/2024



CADERNO PEDAGÓGICO

APRESENTAÇÃO



Cara (o) leitora (o),

Este caderno pedagógico apresenta como proposta promover uma prática de mediação literária seguida de uma escrita criativa, para desenvolver habilidades de leitura e escrita autoral através do gênero fanfic, fomentando a leitura, a releitura e a produção textual. A produção deste material cumpre um dos objetivos específicos da dissertação de mestrado intitulada “EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: CRIANDO FANFICS A PARTIR DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO” — realizada por Jucinalva dos Santos Marques, sob orientação da prof. Dra. Maria Aparecida da Silva Ribeiro. A pesquisa insere-se no Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras da Universidade Federal de Sergipe — campus São Cristóvão, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com coordenação Nacional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trata-se de um produto educacional organizado em cinco módulos que, entre outras coisas, busca evidenciar a importância da literatura feminina negra como estratégia para que a escola rompa o silêncio sobre as questões étnicas, de classe e de gênero. Assim, o material pretende contribuir com educadoras e educadores de Língua Portuguesa (e/ou outros agentes culturais) ao sugerir a vertente feminina da literatura negra (ou afro-brasileira) como uma alternativa pedagógica para a aplicação da Lei 10.639/03. Ademais, espera-se contribuir para que os estudantes tenham o direito de ler a literatura feminina negra na escola para, a partir da leitura, possibilitar-lhes uma reflexão crítica sobre as relações étnicas, sobre as relações de classe e sobre as relações de gênero no Brasil, com destaque para a valorização da identidade e o resgate da autoestima da mulher negra na sociedade brasileira. Portanto, a você, leitora e leitor, especialmente aos docentes que acreditam ser possível construir uma educação pública de qualidade, espera-se que este material lhes seja útil.

BOA LEITURA

Caderno de Práticas de Leitura

INTRODUÇÃO



A apresentação de algumas considerações teóricas sobre a Leitura Literária e o comportamento leitor, sobre a LEI 10.639/2003 que prega o ensino da literatura Afro Brasileira, conceitos de raça e etnia, os gêneros textuais em sala de aula, especialmente sobre o gênero *fanfiction* é importante para se compreender a confecção das atividades presentes neste Caderno Pedagógico, a serem aplicadas em sala de aula. O objetivo deste material é apresentar uma abordagem didática para a produção de *fanfics* e *Fanzine* em turmas do Ensino Fundamental anos finais, a partir de contos do livro “Olhos D’água” de Conceição Evaristo, com o intuito de formar um sujeito leitor participativo, apresentando obras com as quais eles se identifiquem, promovendo conversas sobre preconceito racial, incentivando a leitura, a criticidade e a valorização da ancestralidade, aproximando os alunos de uma mulher negra que escreve literatura negra a partir da sua vivência e apresentando uma autora da atualidade.

Assim, este Caderno encontra-se estruturado em cinco etapas pontuais: Apresentação da situação, Módulo I (Rodas de Leitura), Módulo II (Conceito de *fanfic* e de *fanzine*), Módulo III (Produção de *fanfic*), Módulo IV (Como Produzir *fanzine*) e Módulo V (Culminância da *fanzine*). Para a elaboração das atividades que compõem esta ferramenta educacional, utilizou-se, como referencial teórico, principalmente, os estudos de Dolz et al (2004), para os quais a sequência didática é uma ferramenta promissora no desenvolvimento da aprendizagem. Trouxemos também a visão sobre leitura, estratégias de leitura e inserção dos gêneros textuais nas aulas de português, de autores como Solé (1998), Marcuschi (2008) e Rojo (2004). Sobre o fenômeno *fanfiction*, a visão de Vargas (2015). Para abordar sobre o poder humanizador da literatura, Cândido (2011) e Compagnon (1999). Usamos como referência escritoras negras como Evaristo (2016), Kilomba (2020), que fala sobre a forma como o racismo se estrutura na sociedade, e sobre a importância de os alunos estarem conscientes disso, para construir ações práticas de emancipação.

É urgente a necessidade de o professor ressignificar o ensino de língua portuguesa, levando em consideração um trabalho com atividades que conduzam os educandos a compreender a função social da linguagem. Dessa forma, o trabalho com a escrita literária precisa ser mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos que tenham significados para os alunos e que eles sejam motivados a participar das aulas. Portanto, desenvolvemos um trabalho em sala de aula utilizando um tema bastante relevante que é o das escrevivências, tendo como proposta de sequência de atividades o uso do gênero *fanfiction* ou *fanfic*.

É inegável que o racismo é estrutural e que os preconceitos são aprendidos. Logo, a responsabilidade em reverter a desumanização de longa duração produzida pelo racismo é de todos nós, pois a forma social escravista ainda perdura nos dias atuais e a população negra e indígena são desumanizadas, lhes foram negadas sua condição humana e sua dignidade, e podemos usar a literatura para dirimir tais preconceitos, apresentando-a a partir do pensamento negro, com personagens negras, a partir de uma experiência negra, textos que englobam em sua centralidade aspectos das culturas afro-brasileiras e africanas, que conferem o necessário protagonismo do negro e propicia, através da mediação, desvelar/discutir com as crianças o racismo estruturante da cultura brasileira.

Segundo a autora Kiusam de Oliveira (2022) faz-se necessário priorizar questões de raça e gênero, quando se pensa em histórias escritas e narradas para empoderar crianças negras. Ela nos apresenta uma possibilidade decolonial para contar histórias, usando conceitos chave como ancestralidade, tendo como base teórica a Pedagogia Ecoancestral e a Literatura Negro Brasileira do encantamento Infantil e Juvenil – LINEBEIJU, onde defende ser necessário pesquisar, criar e utilizar tecnologias agenciadas pelo olhar crítico e negro sobre o país, para, com essa criticidade, criar e contar histórias negro-brasileiras aprofundando e africanizando-as, despindo-se de todo o preconceito que ouviu até então, e numa perspectiva decolonial, contar histórias que despertem o encantamento da criança negra pelo próprio corpo. A autora aponta ainda alguns pontos necessários para contar histórias, em uma perspectiva decolonial e negrorreferenciada, sendo uma delas, entender que o continente africano é berço da Humanidade, possibilitando assim, que construam histórias épicas.

É de suma importância apresentar heróis e heroínas negros, recontando suas histórias, empoderando, assim as histórias de quem as ouve, fortalecendo as identidades pessoais e coletivas, pois as histórias negrorreferenciadas tem esse poder de encantar as crianças negras, fortalecendo-os contra as práticas discriminatórias. A autora traz a Pedagogia Ecoancestral para pensar “as relações educacionais e educativas a partir de

uma corporeidade negra, um contracorpo negrorreferenciado, capaz de entender que resistir às violências também é um ato sagrado” (OLIVEIRA, 2020, p.5)

Diante do exposto, ressaltamos que o trabalho em sala de aula com os gêneros não deve ser circunscrito apenas aos aspectos formais e sim, de maneira funcional, para que os alunos produzam textos em gêneros diversos, adequando seu uso à situação social, pois é mais importante ensiná-los a ler e escrever os diversos gêneros do que classificá-los; Propomos práticas de leituras literárias bem como a escrita do gênero *fanfiction* ou *fanfic*, que, embora não tenha surgido em ambiente virtual, sua popularidade ocorreu através dele, como elementos importantes para desenvolver a humanização nos educandos. Nesses textos os alunos podem expressar em sua escrita impressões de conhecimento de mundo, exercitar a reflexão e a capacidade de lidar com os problemas da vida.

A escrita literária precisa ser mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos que tenham significados para os alunos, e que eles sejam motivados a participar das aulas, mostrando autores e autoras que tragam diversas vozes, sensibilizando por meio da linguagem, humanizando com a expressividade poética, através de uma poesia periférica, capaz de torná-los críticos e reflexivos. A escolha do gênero conto narrativo, especificamente de Conceição Evaristo, justifica-se por serem histórias narradas por mulheres, às quais há combinação entre a ficção e a vida real, Além do mais, todas as narrativas partem da dor. Por que não podemos contar nossas histórias a partir da alegria? Então, ao recontar essas narrativas, os alunos terão a oportunidade de o fazer através da alegria, dando um outro final às personagens, e também uma esperança de mudar seu futuro.

O *fanfiction* ou *fanfic* é um gênero que desperta o interesse, estimula a imaginação e a criatividade de seus criadores, bem como trabalha a produção escrita. Os fãs e autores mudam seu papel de meros consumidores e receptores para autores de sua própria história, pois na construção das *fanfics*, recriam, ampliam, mudam o foco, fazem paródia das histórias de acordo com seus gostos e interesses, e compartilham seus textos com pessoas que apresentam certo nível de proximidade e identificação com as histórias originais. Dito isto, a *fanfic* é um gênero relevante para as práticas de leitura e de escrita. As *fanfictions* circulam principalmente na internet, em sites e fóruns dedicados a essa forma de escrita. Existem diversas plataformas específicas para *fanfictions*, como o *FanFiction.net*, *Archive of Our Own* (AO3), *Wattpad*, entre outros.

Muitos desses sites possuem categorias para diferentes gêneros, fandoms e níveis de conteúdo, além de ferramentas para classificar e avaliar as histórias.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

É importante que o professor apresente aos alunos o projeto didático-pedagógico ao qual eles irão participar, esmiuçando considerações sobre a situação de leitura dos gêneros conto, e fanfiction e sobre a produção de texto a realizar-se de modo convencional (manuscrita) e digital (ciberespaço). Portanto, nesta abordagem inicial, faz-se necessário tecer comentários objetivos e sucintos sobre todas as etapas que compõem



Na primeira etapa iremos realizar a revisão bibliográfica sobre temas inerentes a essa pesquisa, como os conceitos de raça, racismo, identidade, ancestralidade e preconceito. Será aplicado um pré-teste e um questionário sócio econômico.

A segunda etapa do trabalho será destinada à fruição e análise do livro

escolhido, na qual o professor criará estratégias para tornar os alunos fãs da obra. Para isso, nos respaldamos em Barthes (1987), que considera a escritura como uma prova de que o texto deseja o leitor quando define a escritura como sendo "a ciência das fruições da linguagem". Para que o texto, enquanto objeto de abordagem do livro, possa ser compreendido de forma eficaz e no âmbito daquilo que representa é necessário que seja feita uma leitura atenta e não corrida, pois, conforme aponta o autor, "não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir, para ler esses autores de hoje, o lazer das antigas leituras", faz parte de um conceito de leitor aristocrático. (BARTHES, 1987). Após leitura feita por fruição dos contos **“Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”** propõe-se um estudo mais aprofundado sobre o gênero fanfic. **Na terceira etapa** da sequência de atividades propõe-se a produção das fanfics. Nesse momento os estudantes deverão ser orientados pelo professor, e toda turma deverá estar engajada nas produções. **A última etapa** será dedicada a socialização dos textos produzidos pelos alunos. A culminância desse trabalho é muito importante, pois tende a ser um momento no qual os estudantes valorizam tanto sua produção como a de seus colegas.

A sequência básica de letramento literário foi planejada para turmas de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Contudo, não se trata de um planejamento inflexível e estanque, podendo ser adaptado para outras turmas conforme as necessidades do docente. A opção de trabalhar com os gêneros “conto narrativo”, especificamente de Conceição Evaristo, justifica-se por serem histórias narradas por mulheres, às quais há combinação entre a ficção e a vida real, além de ter como autoria dos contos uma escritora mulher, negra e de origem humilde, e a escolha da “fanfic” deve-se ao fato do gênero atender a um novo perfil de estudante que, imerso em um universo de múltiplas linguagens, sente-se motivado a participar do seio da cultura digital, facilitando a leitura coletiva e compartilhada na sala de aula.

Entretanto, essa seleção também é flexível, podendo o docente selecionar outros textos da vasta produção literária da autora Conceição Evaristo ou de outras escritoras negras..



VOCE SABIA?

Por meio de lutas do movimento político de mobilização racial

negra – Movimento Negro (MN), no Brasil e outros grupos sociais, foi instituída a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira, em todas as escolas públicas e particulares, de Ensino Fundamental e Médio em todo o país, preconizando a Literatura como uma das três principais áreas onde esse trabalho deva ser feito.

Organização das atividades no caderno pedagógico

O quadro a seguir configura um modelo que norteia o trabalho do professor em sala de aula, porém, pode ser adaptado a outra realidade educacional. Assim, sintetiza as ações pedagógicas distribuídas neste Caderno, a partir de um resumo da atividade a ser ministrada, do material didático necessário e a duração de cada oficina.



ATENÇÃO!

É possível observar no Módulo I intitulado: Rodas de Leitura, temos, no momento antes da leitura uma primeira atividade motivadora/introdutória na qual apresentaremos o livro de onde os contos foram retirados e solicitaremos aos alunos que falem sobre o que já conhecem sobre a autora e seus personagens. No momento seguinte, será desenvolvida a leitura do texto com paradas estratégicas para o levantamento e verificação de hipóteses e recuperação de aspectos da narrativa importantes para garantir o acompanhamento do texto pelos alunos.



1º MOMENTO

Título da aula: Rodas de Leitura
Objetivo: Contribuir para ampliação do repertório literário dos estudantes, bem como para a formação de um sujeito leitor participativo.
Duração: 3 aulas
Prática de linguagem priorizada: Leitura/escuta
Habilidade(s) da BNCC: EF69LP46 / EF69LP53
Materiais necessários: cópias dos contos literários “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”



2º MOMENTO

Título da aula: Conceito de fanfic e de fanzine
Objetivo: Compreender os gêneros textuais fanfic e fanzine para apropriação de suas características e propósito comunicativo.
Duração: 1 aula
Prática de linguagem priorizada: Leitura/escuta
Habilidade(s) da BNCC: EF69LP46 / EF69LP53
Materiais necessários: textos impressos e textos digitais acessados pelo link https://pt.wikihow.com/Escriver-uma-Fanfic



3º MOMENTO

Título da aula: Produção de fanfic
Objetivo: Envolver-se com prazer para criar perfil, inscrever-se em uma plataforma digital e produzir uma fanfic.
Duração: 2 aulas
Prática de linguagem priorizada: Consideração das condições de Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição
Habilidade(s) da BNCC: EF69LP37 / EF69LP51
Materiais necessários: computador ou celular com acesso à internet.



4º MOMENTO

Título da aula: Como produzir fanzine
Objetivo: Produzir uma revista para a comunidade dos fãs da obra. (fanzine)
Duração: 2 aulas
Prática de linguagem priorizada: Elementos notacionais da escrita/morfossintaxe
Habilidade(s) da BNCC: EF09LP10 e EF09LP10
Materiais necessários: caderno e caneta.



5º MOMENTO

Título da aula: Culminância da fanzine

Objetivo: Compartilhar com as outras turmas da escola o trabalho realizado.

Duração: 2 aulas

Prática de linguagem priorizada: Leitura/ escuta

Habilidade(s) da BNCC: EF69LP46 / EF69LP53

Materiais necessários: notebook, tv, a fanzine

**VAMOS CONVERSAR!**

PROFESSOR, faz-se necessário comentar sobre as etapas a serem exploradas, as datas das aulas e os módulos que compõem o Caderno Pedagógico, delimitando o papel desse instrumento de intervenção conforme a sua realidade escolar.

**AULA 01- antes de ler - MOTIVAÇÃO**

DINÂMICA:

Organize o espaço de leitura;
Apresente o livro Olhos D'água da autora Conceição Evaristo;
Leia uma pequena biografia da autora.



Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (2011).

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior.



Aulas 02 e 03 - LEITURA

Esta é a aula da leitura FEITA PELO PROFESSOR, com o objetivo de tornar os alunos fãs da obra de Conceição Evaristo. Portanto, durante a leitura haverá algumas paradas estratégicas. Faça a leitura, dando uma entonação e pausas adequadas. Faça perguntas sobre os títulos, para incentivar os alunos a fazer previsões sobre o texto, levantar e verificar as hipóteses, que podem ou não serem confirmadas durante a leitura.

Professor:

Mobilize conhecimentos sobre a leitura por meio da oralidade. Acrescente, também, a crítica social que é abordada no texto, podendo incluir a leitura de um trecho.

Nas pausas entre um texto e outro, introduza as perguntas de modo natural como se você estivesse imaginando as situações.

Seja o condutor dessa conversa lembrando sempre que não há respostas certas nem erradas. Dê espaço para que cada aluno possa se expressar em voz alta.



ATIVIDADE

1. Por que esse título?
2. O que ou quem os personagens lembram?
3. Há furos ou brechas na narrativa?
4. Algo que gostaria de acrescentar ou tirar?
5. É possível pensar em novos personagens, aumentar a participação de um secundário, mudar a história ou traçar novos destinos para os personagens?

PROFESSOR:

Faça uma leitura de forma pausada dos contos “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”

Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequenobanquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de umamaneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cimada cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrara cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriamos os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar nela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se

fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? (In: *Olhos d'água*, p. 15-19)

Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faça a laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros encontros. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem, entretanto, virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava

dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjetade mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: — Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada

uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor ominúsculo quadro. A irmã de Zaíta há muito tempo desejava o desenho e vivia propondo uma troca. Zaíta não aceitava. A outra, com certeza, pensou Zaíta, havia apanhado a figurinha-flor. E agora, como fazer? Não poderia falar com a mãe. Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas, acabando de vez com a coleção. A menina recolheu tudo meio sem graça. Levantou-se e foi lá no outro cômodo da casa voltando com uma caixa de papelão. Passou pela mãe, que chegava com algumas sacolas do supermercado. A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaízinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, demistérios e de sofrimento. Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas de palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. Nodia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro. De manhã foram para escola. Como o quadrinho da menina-flor tinha sumido? Zaíta olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isto acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo. Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe porque o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada. Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois escutou os passos apressados do irmão que entrava. Ela se achegou mais para junto da mãe. A mãe dormia. A mãe se mexeu na cama várias vezes; em um dado momento sentou assustada, depois se deitou novamente cobrindo-se toda. O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha medo, muito medo, e a mãe lhe pareceu ter passado a noite toda acordada. Zaíta levantou e saiu, deixando os brinquedos espalhados, ignorando as recomendações da mãe. Alguns ficaram descuidadosamente expostos pelo caminho. A linda boneca negra, com seu único braço aberto, parecia sorrir desamparadamente feliz. A menina estava pouco se importando com os tapas que pudesse receber. Queria apenas encontrar a figurinha-flor que tinha sumido. Procurou pela irmã nos fundos da casa e, desapontada, só encontrou o vazio. A mãe ainda arrumava os poucos mantimentos no velho armário de madeira. Zaíta teve medo de olhar para ela. Saiu sem a mãe perceber e bateu no barraco de Dona Fiinha, ao lado. A irmã não estava ali também. Onde estava Naíta? Onde

ela havia se metido? Zaíta saiu de casa em casa por todo o beco, perguntando pela irmã. Ninguém sabia responder. A cada ausência de informação sua mágoa crescia. Foi andando junto com a desesperança. Tinha o pressentimento de que a figurinha-flor não existia mais. O irmão de Zaíta, o que não estava no Exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma e local de poder. Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Umavida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. O pai dele e do irmão mais velho gastava seu poucotempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nuncatrazia o bolso cheio. O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas. Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. Desde pequeno ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando. Zaíta andava de beco em beco à procura da irmã. Chorava. Algumas pessoas conhecidas perguntavam o porquê de ela estar tão longe de casa. A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse. Não se importou com aquela lembrança. Naquele momento, ela buscava na memória como o desenhoda menina-flor tinha nascido em sua coleção. A figurinha podia ter vindo em um daqueles envelopes que o irmão, o segundo, às vezes comprava para ela. Quem sabeviera no meio das duplicatas que a mãe ganhava da filha da patroa, ou ainda fruto dealguma troca que ela fizera na escola? Mas podia ser também parte de um segredo que ela não havia contado nem para sua igual, a Naíta. A figurinha podia ser uma daquelas dez, que ela havia comprado um dia com uma moeda que tirara da mãe, sem que ela percebesse. Zaíta por mais que se esforçasse retomando as lembranças, não conseguia atinar como a figurinha-flor tinha se tornado sua. A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguiria comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. O primeiro filho nunca pedia dinheiro, mas ela sabia que ele precisava. E sem que o segundo soubesse, Benícia colocava uns trocadinhos debaixo do travesseiro para ele, quando ele vinha do quartel. Havia também o aluguel, a taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco. A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar com a escolha dele. Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda. Benícia, ao dar por falta das meninas, interrompeu os pensamentos. Não ouvia as vozes das duas há algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. Sentiu certo temor. Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda! Todos os dias tinha que falar a mesma

coisa! Onde as duas haviam se metido? Por que tinham deixado tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a maisbonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados. A outra menina, Naíta, que estava no barraco ao lado, escutando os berros da mãe, voltou aflita. Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão e deraíva ela havia arreventado aquela bonequinha negra, a mais linda... Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. Oirmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gestofeito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. A outra menina seguia aflita à procura da irmã para lhe falar da figurinha-flor desaparecida. Como falar também da bonequinha negra destruída? Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedo

PROFESSOR:

Peça que os alunos compartilhem suas impressões individuais.
Faça uma apresentação das impressões gerais da turma
Peça que os alunos façam a escolha do texto de um a partir da leitura dos contos da autora Conceição Evaristo por meio da leitura feita pela professora.

Estratégias para tornar os alunos fãs da obra e da autora escolhida:

- * Crie um painel interativo com curiosidades sobre a autora e sua obra.(O professor já leva alguma curiosidade para debater, expor no painel e motivar a busca por mais novidades)
- * Estimule a criação de um nome para a comunidade de fãs da obra e autora.
- * Solicite que façam pesquisa em sites, revistas, na internet, entrevistas no youtube, para socializar com a turma e expor na sala.



Esta aula tem como objetivo compreender os gêneros textuais fanfic e fanzine para apropriação de suas características e propósito comunicativo.

Escolha um link para conceituar os gêneros textuais, que apresente conteúdo completo e claro.

Leve os alunos a sala de informática para compartilhamento do link, acessar e imprimir o material.

Sugestão de link para conceituar fanfic e fanzine: <https://pt.wikihow.com/Escriver-uma-Fanfic>



Aula I – Antes de Ler

Peça que façam a leitura do material, de forma individual, para o reconhecimento dos gêneros textuais como instrumento de incentivo para que aprendam de forma mais atraente e significativa. Oriente os alunos a responder as perguntas oralmente. Anote algumas respostas no quadro para compartilhar com a turma e a conversa fluir com mais naturalidade. Apresente as impressões gerais da turma.

Momento de compreender e se apropriar dos gêneros em estudo.

- * O que é fanfic e fanzine?
- * Onde encontra uma fanfic para leitura?
- * Como acessar novas fanfics?
- * Quem pode produzir uma fanfic?

PROFESSOR:

Oriente-os a começar a escrita das fanfics

Promova a interação na plataforma

Ajude o aluno na escolha da plataforma digital específica para fanfic .

Peça que criem seu perfil (caso não consiga, solicitar ajuda).

Proponha um roteiro para a escrita das fanfics.



PROFESSOR:

Para servir de inspiração, leia a fanfic *Para Maria, minha mãe*, de Murilo Santos Júnior, do livro “Sobre Nossas Avós - memória, resistência e ancestralidade”, organizado pela professora Dra. Maria Aparecida Silva Ribeiro.

Para Maria, minha mãe (Murilo Santos Júnior)

Essa carta é direcionada para Maria, minha mãe, uma mulher guerreira e batalhadora, mãe de três, que trabalhava como empregada doméstica para sustentar eu e meus dois irmãos, mas foi assassinada, vítima de racismo. Eu lembro exatamente como o Juca, da rua A-10 chegou aqui gritando “pegaram sua mãe roubando um coletivo”, eu apenas corri até você, seu corpo estava deitado no chão, cheio de sangue, os dois menores vieram logo atrás, e nós apenas choramos desconsolados encarando os seus olhos vazios. Hoje, eu entendo tudo o que aconteceu: VOCÊ FOI BRUTALMENTE ASSASSINADA EM UM ÔNIBUS COLETIVO, PORQUE FOI CONFUNDIDA COM UM ASSALTANTE, VOCÊ ERA UMA MULHER PRETA E POBRE. VOCÊ FOI MAIS UMA VÍTIMA DE UM ESTADO RACISTA E MISÓGINO. Nenhum vizinho nos ajudou, deixaram os homens nos levarem para o abrigo e, lá, nós três

fomos separados, fui para um abrigo de jovens e os meninos foram para o abrigo de crianças, ainda tenho esperanças de um dia reencontrar meus irmãos, fomos separados no dia 13 de maio de 2016, e até o dia de hoje não os encontrei, mas sigo firme à procura deles, por mim e por você, que sempre disse para sermos unidos. Queria te falar o quanto foi difícil seguir sem você, Queria te falar sobre as violências que sofri no orfanato, e também, 75 Sobre Nossas Avós - memória, resistência e ancestralidade Queria te falar da dor que foi quando me separaram dos meninos, Queria te falar sobre o meu dia, Queria te falar sobre minha primeira namorada, Eu queria...tantas coisas. Não quero falar apenas das tristezas, quero falar das minhas conquistas, ou melhor, da nossa conquista, tudo o que fiz e farei é por você e pelos meninos, quando eu os encontrar, quero dar condições deles terem acesso a tudo aquilo que a senhora sonhava em dar para nós. Lembra quando você me dizia que o seu sonho era me ver na faculdade, igual ao filho da sua patroa? É, mãe, nós conseguimos, estou estudando para ser professor um dia, como você mesma dizia: "só a educação tem poder de mudar a realidade dos pobres". Quero poder ajudar os meninos lá do morro a entrar na faculdade também. Mãe, quero que saiba o quanto sou grato a Oxalá por ter você como mãe, sinto sua falta nos lugares onde fomos felizes. Quero que saiba que as coisas estão mudando a pequenos passos, mas estão mudando, hoje em dia, os pretos se apoiam, os pretos se defendem, como diz o Rincón Sapiência, os pretos estão se amando. E agora preciso me despedir de você, eu te escrevi essa carta para te acalmar, para que você descanse aí em cima, porque eu vou encontrar os meninos, não descansarei. Você segue viva em mim, guardo nossas lembranças, os nossos jantares com pão, com toddy, as comidas que você trazia da casa da sua patroa, obrigado por tudo, por se sacrificar tanto por mim e pelos meninos. Descanse, mãe, descanse. Persigo a sua falta. Te amo. Do seu filho mais velho. 01/09/202

Chegou a hora das produções e acesso à plataforma.

- O Spirit é uma plataforma de auto publicação, seja ele no formato de Fanfics ou de histórias originais. Durante o processo de uso da plataforma, é importante que além de escrever, os alunos leiam e comentem os textos dos colegas. Uma ideia para motivar a escrita dos alunos é o professor fazer uma espécie de comentário “secreto” sortear números para que todos recebam observações dos colegas em seus textos. Para revisar os textos dos alunos o professor pode comentar (de forma privada ou não) dentro da própria plataforma para os casos individuais e levar para sala de aula pontos em comum dos textos que precisam ser melhorados. Após escrita de todos os textos, socializar suas produções. Quando os textos estiverem prontos será a hora de produzir a fanzine (revista de fãs e para fãs da obra).



Sugestão de roteiro:

Os alunos podem ter dificuldades para pensar nas possibilidades de continuação dos textos. É importante que o professor debata com a turma como continuar a trama, maneira de produzir finais diferentes, entre outros.

Título
Personagens originais
Personagens novos
Conflito principal
Lugar onde os fatos acontecerão
Epoca que os fatos acontecerão
Ações do capítulo 1
Ações do capítulo 2
Ações do capítulo 3
Final

**Dicas
para o
roteiro**



Pensando em idéias para a produção da Fanfic.

1	Anote tudo em papel, como motivo de mudança do personagem, da trama, tudo que for importante.
2	Onde se passa a história, em que época, características físicas e psicológicas dos personagens.
3	Defina os acontecimentos em ordem cronológica/o que acontece primeiro.
4	Dos acontecimentos o que é útil/ necessário/motivo dos fatos/traçar novos destinos.
5	Divida os acontecimentos em capítulos/ escreva seu roteiro.

Chegou a hora de produzir uma revista para a comunidade dos fãs da obra. (fanzine)

PROFESSOR:

Nesta aula, você irá, juntamente com os alunos:

Escolher do nome da revista.

Fazer a revisão/editoração dos textos.

Reunir todos os textos para montar a revista.

Anote estas dicas para produção da fanzine.

Dica I - Nesta fase será feita a triagem, a escolha das imagens e textos que serão incluídos ou excluídos do fanzine. Este procedimento é importante para a coerência na abordagem do tema e conteúdo.

Dica II - A diagramação é a técnica de expor o texto e imagem na página, serve para ajudar o leitor a receber as informações que o autor quer transmitir. Precisa ser clara, prática e objetiva. Deixe seu texto respirar. Longos blocos de texto fazem a leitura ficar cansativa. Experimente fazer parágrafos menores. Ao usar imagens para ilustrar o texto, use margens. O texto colado na imagem deixa o leitor desconfortável, respeite a hierarquia da informação, os títulos devem ser maiores que os subtítulos e os subtítulos devem ser diferentes do texto em si.

Dica III - Lembre-se de deixar margens dos lados, em cima e embaixo da página para que pareça profissional e nada saia cortado. Para ajudar em novas ideias, veja na internet ou procure bibliotecas com coleções de zines, ou compre zines de livrarias ou lojas de cultura alternativa. Também será mostrado um vídeo do youtube para melhor compreensão.



Etapa de revisão das fanfics

Os alunos poderão receber o feedback tanto dos colegas, quanto do professor. A dinâmica para essa tarefa é fazer duplas para consultar dicionários, um corrige o texto do outro. Em caso de não resolverem sozinhos, consultar o professor que deve mediar no momento da dúvida para não interferir na reflexão do aluno.

Momento de montar a revista fanzine. Isso requer planejamento e pesquisa. Serão dadas as instruções. Produza uma capa que atraia o leitor e escolha um título que transmita a ideia central da produção ou a intenção dos autores. Use e abuse da criatividade.

NÃO SE ESQUEÇA DE:

- Coletar as fontes, textos e imagens que serão utilizados na publicação.
Fazer um esboço do fanzine
- Distribuir os conteúdos nas páginas.
Arquitetar o layout das páginas.

Esta aula será para a culminância do trabalho, um momento de apresentação para outras turmas de alunos da escola, pais, professores, gestão e demais convidados. Nesta última aula do módulo, como encerramento das discussões, é o momento de compartilhar as produções dos alunos. Use um projetor para que todos tenham acesso as imagens ao mesmo tempo. Lembre-se de reservar o aparelho antecipadamente na escola e verificar se tudo funciona bem.

Os alunos autores/produtores farão toda a parte de socialização de cada etapa, para chegar ao produto final.

O professor precisa mediar, orientar, motivar cada detalhe das tarefas para apresentação, assim os alunos se sentirão seguros e encorajados para executar a apresentação.

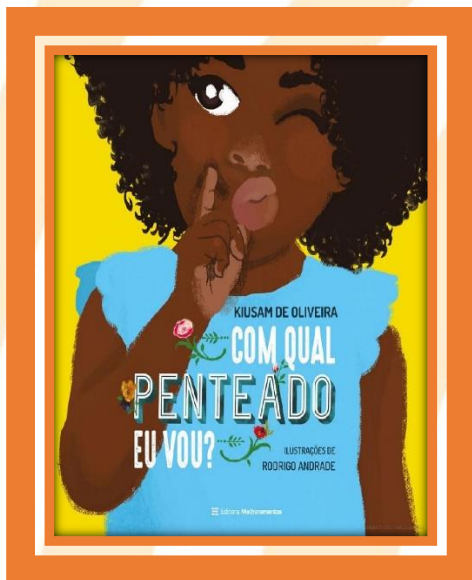
Para encerrar a apresentação os alunos devem responder ao mestre de cerimônia, convidados e professor que aprendizado conquistou a partir desse trabalho.



dicas

1. Planeje o evento de socialização dos trabalhos.
2. Pense em um planejamento baseado em:
 - quem é o mestre de cerimônia,
 - quem fala sobre as etapas do trabalho para construção da revista,
 - quem apresenta a plataforma em aparelho de notebook conectado a tv,
 - quem recebe os convidados,
 - quem lê os textos fanfics,
 - quem agradece a participação dos convidados).
3. Prepare o espaço de apresentação.
4. Disponibilize a fanzine para a biblioteca da escola para ser lida por outras pessoas

Professor: Este projeto pode ser aplicado com outras autoras e/ou autores de sua preferência. Deixamos aqui algumas sugestões:



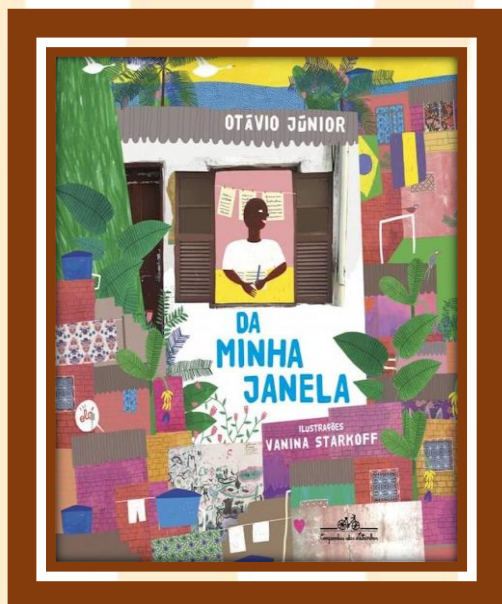
Com qual roupa eu vou? Kiusam de Oliveira

Obra fundamental para pautar a beleza e a diversidade que existe em cada criança.



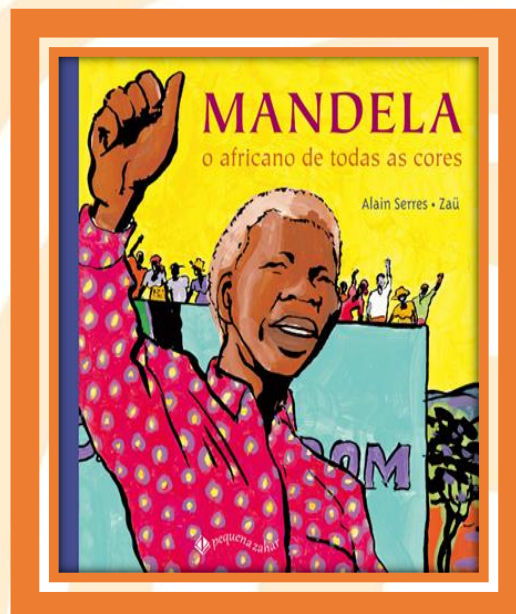
A cor da ternura – Geni Guimarães

livro instigante, crítico e atual para abordar o racismo e a capacidade de superação dele.



Da minha janela, de Otávio Júnior

Com uma narrativa sensível, o personagem narra cada coisa, pessoa e animal que vê da sua janela que em uma favela do Rio de Janeiro.



Mandela, o africano de todas as cores-

Alain Serres – o autor apresenta a história de Mandela de forma lúdica, para possam compreender a importância da luta pelos direitos dos negros.

PALAVRAS FINAIS:

Esperamos que a sequência didática projetada e desenvolvida nesta pesquisa, seja tomada como uma referência colaborativa para as práticas de leituras desenvolvidas pelos professores de língua portuguesa em outras instituições de ensino brasileiras, trazendo um olhar diferenciado para a prática da leitura dentro e fora da escola, pois o essencial são as aprendizagens conquistadas pelo hábito de ler, utilizando diversos meios, tanto os tradicionais quanto os virtuais. Reiteramos a necessidade de se investir na relação do professor com o aluno, otimizando o processo ensino aprendizagem. Levar em consideração a proposta feita pelos alunos de fazer leituras de fanfics, trazendo a tecnologia para a sala de aula, foi de fundamental importância para a criação e aplicação deste projeto, oportunizando assim, que alunos e professores pudessem refletir sobre sua prática e passassem a atuar num clima mais condizente com a realidade de uma escola. Trouxemos a leitura de uma autora da minha predileção para instrumentalizar o desenvolvimento das ações que possibilitassem o interesse dos alunos por textos de uma mulher negra que apresenta, denuncia e celebra as experiências de sua comunidade. O estudo de tais obras possibilita que tragamos, como referido acima, questões sociais à centralidade das discussões em aula.

Sabendo que a literatura desencadeia nossas memórias, trouxe o poema “não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral (em anexo), um texto bastante significativo em minha história, como forma de exercitar a escrita autoral. Escrever uma fanfic deste poema não foi uma tarefa fácil, porém, serviu como propósito de experiência para aprimorar as habilidades de escrita e compreender as dificuldades inerentes ao ato de escrever, sugerimos que o professor também se aventure na escrita criativa, passando por todo o processo pelo qual o aluno passou.g5



ANEXOS

Não vou mais lavar os pratos

Cristiane Sobral

Não vou mais lavar os pratos.
Nem vou limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro
e uma semana depois decidi.
Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo
a bagunça das folhas que caem no quintal.
Sinto muito.
Depois de ler percebi
a estética dos pratos, a estética dos traços, a
ética,

A estética.
Olho minhas mãos quando mudam a página
dos livros, mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante.
Sinto.

Qualquer coisa.
Não vou mais lavar. Nem levar. Seus tapetes
para lavar a seco. Tenho os olhos rasos d'água.
Sinto muito. Agora que comecei a ler quero
entender.
O porquê, por quê? e o porquê.
Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri.
E deixei o feijão queimar...
Olha que feijão sempre demora para ficar pronto.
Considere que os tempos são outros...

Ah,
esqueci de dizer. Não vou mais.
Resolvi ficar um tempo comigo.
Resolvi ler sobre o que se passa conosco.
Você nem me espere. Você nem me chame. Não
vou.
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais
entendi,
você foi o que passou

Passou do limite, passou da medida,
passou do alfabeto.

Desalfabetizou.
Não vou mais lavar as coisas
e encobrir a verdadeira sujeira.
Nem limpar a poeira
e espalhar o pó aqui para lá e de lá pra cá.
Desinfetarei minhas mãos e não tocarei suas
partes móveis.
Não tocarei no álcool.
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler.
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
meu tênis do seu sapato,
minha gaveta das suas gravatas,
meu perfume do seu cheiro.
Minha tela da sua moldura.
Sendo assim, não lavo mais nada, e olho a sujeira
no fundo do copo.
Sempre chega o momento
de sacudir,
de investir,
de traduzir.
Não lavo mais pratos.
Li a assinatura da minha lei áurea
escrita em negro maiúsculo,
em letras tamanho 18, espaço duplo.

Aboli.
Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata,
Cozinha de luxo,
e jóias de ouro. Legítimas.
Está decretada a lei áurea.

A menina que ia para a escola lavar pratos - Jucinalva Marques

A menina brincava no milharal onde seu pai trabalhava, arrancando as ervas daninhas. Ela trançava os cabelos loiros de uma boneca de milho. Lembrou dos cabelos longos e loiros da professora, ela era tão bonita. Ia toda arrumada para dar aulas, e a menina ia dormir pensando qual seria a roupa que a professora iria para a aula no outro dia. Sempre tão cheirosa.

Certo dia a professora convidou a menina para ir à sua casa. Ela aceitou o convite e ia pelo caminho imaginando coisas boas. Tomariam lanches servidos em tigelas de prata, conversariam sobre moda e sobre como a menina gostava de ler. Chegando lá ela mostrou a casa à menina e pediu que a varresse, solicitação prontamente atendida, mesmo que sem jeito, pois a casa da menina era de chão batido e ela não tinha intimidade com pisos de cerâmica. Concluída a tarefa, mais um pedido inusitado: você poderia lavar os pratos?

Embora a tarefa parecesse hercúlea, dada a falta de familiaridade da menina com a pia, torneira e utensílios muito diferentes das vasilhas que usava na sua casa e eram lavadas numa bacia em cima de um girau, concluiu a tarefa com o maior capricho e da maneira que pôde. Nos dias subsequentes, sempre na hora do recreio, a professora pedia a menina para ir à sua casa varrer e lavar os pratos. Entregava a chave, o que a deixava lisonjeada por lhe ser confiada tarefa tão importante.

Tudo ia bem, até o dia em que a professora resolveu telefonar para ver como ela estava se saindo com as tarefas. Ficou assustada com o barulho do telefone, não sabia como e nem se deveria atender. Quando estava varrendo a cozinha, a geladeira começou a “funcionar”, fazendo um barulho estranho (para ela), e começou a ficar com medo. Saiu correndo e esbarrou na fruteira, espalhando as frutas pelo chão.

No outro dia não queria mais voltar lá, então a professora designou uma coleguinha da cidade, mais esperta (e branca) para acompanhá-la, até que terminasse as tarefas domésticas. E assim foi, até que um dia, ao chegar na sala dos professores sem ser notada viu relatar, às gargalhadas, o episódio do seu medo às outras colegas professoras. Percebeu que além de empregada, também servia de chacota para ela. Foi muito doloroso. Se calou e nunca mais voltou lá. A menina não lembra se foi capaz de dizer alguma coisa, mas sabe que saiu dali com um sentimento de decepção, de ter sido usada por aquela que a deveria proteger.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos seu filho (a) para participar de uma pesquisa **EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: CRIANDO FANFICS A PARTIR DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**, será aplicada no 9º ano do Ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa realizada pela professora pesquisadora JUCINALVA DOS SANTOS MARQUES, sob a orientação da Professora Doutora MARIA APARECIDA RIBEIRO, da UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/ SÃO CRISTÓVÃO. A pesquisa tem como objetivo promover uma prática de mediação literária seguida de uma escrita criativa, para desenvolver habilidades de leitura e escrita autoral através do gênero fanfic, fomentando a leitura, a releitura e a produção textual. Os dados serão coletados por meio de observação e registro escrito (que incluem anotações do professor-pesquisador e atividades realizadas pelos alunos). Nas atividades em sala de aula seu filho será convidado a ler e interpretar textos do gênero conto e fanfic, produzir textos dentro dos critérios da escrita processual e publicar nas redes digitais. As informações coletadas serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho no âmbito do PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS e em futuras publicações. Os registros feitos terão caráter confidencial, de forma que a autoria será mantida em sigilo. Nenhum valor financeiro será cobrado para a participação na pesquisa, assim como não haverá remuneração para os participantes. A participação do seu filho é voluntária e você poderá recusar-se a participar ou interromper a participação a qualquer momento. Caso deseje, você poderá solicitar esclarecimento pelo telefone (75) 982611084 ou pelo e-mail jucimestra@academico.ufs.br. Agradecemos sua colaboração. Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo. Acredito que a (o) participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível.

Profa.

Jucinalva dos Santos Marques – Pesquisadora

Profa. Dr^a

Maria Aparecida da Silva Ribeiro – Orientadora

Declaro que li as informações contidas neste documento e aceito os termos. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que meu filho(a) é livre para retirar-se do estudo em qualquer momento, sem qualquer penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar do estudo.

Nome do

participante (em letra de forma) _____ RG _____

Assinatura do responsável _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS



QUESTIONÁRIO SÓCIOECONÔMICO

Prezado(a) estudante:

Este questionário servirá como instrumento para coleta de informação sobre algumas questões de sua vida escolar e será utilizado durante a aplicação da pesquisa do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Sergipe, Campus de São Cristóvão/SE.

Além disso, nos permitirá conhecer aspectos importantes da vida socioeconômica de sua família. Tais elementos são fundamentais para subsidiar a avaliação e o planejamento das atividades que serão desenvolvidas posteriormente nesta turma, em conformidade com a sua realidade. Assim, torna-se imprescindível que todas as perguntas sejam respondidas e que toda informação declarada seja verdadeira.

Ressaltamos que as suas respostas serão mantidas em sigilo e de uso exclusivo para esse propósito da pesquisadora.

ESCOLA:	DATA / /
PROFESSORA:	SÉRIE/ANO:
ALUNO(A):	TURNO:
1 - Endereço de origem do grupo familiar (onde o estudante reside atualmente): Rua: _____ Nº _____ Cidade: _____ Estado: _____ Ponto de referência: _____ Este endereço fica: Zona urbana central () Zona rural ()	
2 – Raça/Cor () Branco (a) () Pardo (a) () Preto (a) () Amarelo (a)	
3 - Qual o número de pessoas que vivem na mesma residência familiar: (incluindo você) () Uma () Duas () Três () Quatro () Cinco () Outro _____	

4 - Especifique a forma de abastecimento de água da residência da sua família: ☐ Rede “Embasa” ☐ Poço, rio ou nascente ☐ Carro Pipa
5 - Quem é a pessoa que mais contribui na renda mensal familiar? Cite a atividade laboral, mesmo que seja trabalho informal: ☐ Pai ☐ Mãe ☐ Outra pessoa, quem? _____ Especifique a atividade/profissão: _____
6- A família é beneficiária em algum dos programas sociais do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal/ Municipal: ☐ Programa Bolsa Família Federal ☐ Tarifa Social de Energia Elétrica ☐ Programa Bolsa Família Municipal ☐ Bolsa Leite Municipal ☐ Programa de Cesta Básica Municipal ☐ Outros, especificar _____
7 - Você possui no seu núcleo familiar algum idoso (pessoa com 60 anos ou mais)? ☐ Sim ☐ Não
8 - O domicílio do grupo familiar é: ☐ Residência própria ☐ Alugada ☐ Cedida ☐ Aluguel Social
9 - Marque aqui as pessoas com quem você mora (Marque quantos itens forem necessários) ☐ pai ☐ avó ☐ irmãos ☐ padrasto ☐ filho(a) da madrasta ☐ mãe ☐ avô ☐ irmãs ☐ madrasta
10 - Você apresenta alguma doença grave? Ou alguém do seu núcleo familiar? ☐ Não ☐ Sim, em caso de resposta afirmativa, especifique _____
11 - Algum componente da família, inclusive você, possui algum tipo de deficiência? ☐ Não ☐ Sim. Em caso de resposta afirmativa especifique: quem é o componente e qual o tipo de deficiência
12 - Você ou algum familiar é acompanhado por algum Centro de Referência do Município? ☐ Sim, em caso de resposta afirmativa marque a opção ☐ CRAS ☐ INTEGRAR ☐ APE QUEM? Citar a pessoa e o grau de parentesco: _____ ☐ Não
13 - Algum componente da família, inclusive você, vivencia alguma das seguintes situações (Marque quantas forem necessárias) ☐ Depressão

☐ Ansiedade ☐ Síndrome do pânico ☐ Diabetes ☐ Hipertensão ☐ Fumante ☐ Desnutrição ☐ Obesidade <i>Se marcou algum item, especifique quem é o componente da família</i> _____
14 - Você usa o ônibus escolar para chegar à escola? ☐ Sim ☐ Não
15 - Você possui aparelho de celular próprio? ☐ Sim ☐ Não
16 - Você e seu grupo familiar tem acesso à internet de que forma? ☐ própria ☐ compartilhada com o vizinho ☐ Não tem acesso
17 – Quando os trabalhos escolares extraclases, são organizados em grupos, você consegue participar no turno oposto? ☐ Sim ☐ Não, em caso de resposta negativa, justifique _____
18 - Quais desses meios de entretenimento você faz uso? ☐ Netflix ☐ you tube ☐ sky livre ☐ globo play ☐ Não Possuo televisão ☐ jogo de futebol ☐ grupo de dança ☐ não possuo computador

19 - Você tem enfrentado algum desafio ou dificuldade para permanecer estudando nesta escola? () Sim () Não

Se respondeu “sim”, especifique quais:

20. responda quanto a sua frequência de leitura dos seguintes documentos:

revistas

() diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente () nunca ou raramente

Jornais

() diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente () nunca ou raramente

Livros

() diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente () nunca ou raramente

21. quais assuntos você gosta de ler?

22. Quais tipos de suporte utiliza com mais frequência?

() impresso () digital

23. você considera que seu tempo dedicado à leitura é:

() suficiente () insuficiente

24. Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura:

() tempo () dificuldade financeira () dificuldade de acesso à biblioteca () lentidão na leitura () outros _____

25. Você gosta de ler?

() sim () não

DECLARAÇÃO

Declaro, que todas as informações prestadas neste questionário são verdadeiras e me comprometo a não desistir da escola, comparendo e participando das atividades propostas. Caso haja alguma alteração em minha realidade socioeconômica, comunicarei à pesquisadora.

Cardeal da Silva, ____ de ____ de 2023.

Assinatura do(a) estudante

20. Você lê por iniciativa própria?() Sim () Não
21. Você já leu algum livro? Qual?
22. Que tipos de histórias você gosta de ler?
23. Quais tipos de suporte utiliza com mais frequência? () impresso () digital
24. você considera que seu tempo dedicado à leitura é: () suficiente () insuficiente
25. Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura: () tempo () dificuldade financeira () dificuldade de acesso à biblioteca () lentidão na leitura () outros _____
26. Você gosta de ler? () sim () não

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Lucas. **Como fazer um fanzine**. 2015. Disponível em: . Acesso em: 07 de dez. de 2022.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revistado Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999Tradução. Acesso em: 06dez. 2022.

CLEMENTE, Bianca Jussara Borges. **O uso do fanfiction nas aulas de produção textual no ensino médio**. 2013. Dissertação (Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. 116 p.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

PAULINO, Graça. **Das Leituras ao Letramento Literário**. Belo Horizonte: FaE; UFMG. Pelotas: EDGUFPeI, 2010. Resenha de: ROSA, Cristina Maria. **Revista Práticas de Linguagem**. Juiz de Fora, v.1, n. 2, p.114-116, jul./dez. 2011. [Acessar publicação original](#) [DR]

SPIRIT, Fanfic. **Plataforma digital**. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=spirit+fanfics&cvid=723408a1f5644b36b6d96f3707aa2c28&aqs=edge.69i57j0l8.2899j0j1&pglt=43&FORM=ANNTA1&PC=U531&ntref=1>>Acesso em: 07 de dez. de 2022

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Ribeiro, Maria Aparecida da Silva (org.). **Sobre nossas avós: Memória, resistência e ancestralidade**. 1. Ed. - Aracaju: Pontes, 2021

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. ROJO, Roxane (org.). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico]**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. **Letramento digital**: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). Tecnologias para aprender. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016

Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia

Acessado em:
<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59#:~:text=No%20latim%20medieval%2C%20o%20conceito,algumas%20caracter%C3%ADsticas%20f%C3%ADsticas%20em%20o%20comum.>